

## **EVANGELIZAR E INSTRUIR: A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA**

**Dra. LAURA AMAZONAS**

**GOMES**, Iadry Aparecida Lima

iadry\_gomes@hotmail.com

**VASCONCELOS**, Flaviana Martins

flamatin@yahoo.com.br

**SOUZA**, Josefa Eliana (Orientadora)

Doutora em Educação, membro do Núcleo de Pós- Graduação em Educação da  
Universidade Tiradentes.

elianasergipe@uol.com.br

### **RESUMO:**

Este artigo tem como objetivo investigar a trajetória pedagógica da Dra. Laura Amazonas e as suas práticas educacionais como evangelizadora espírita. As principais fontes utilizadas no estudo foram às produções de Freitas (1995, 2002, 2003, 2004), Nunes (1984), o jornal *Gazeta de Sergipe* e as entrevistas e depoimentos realizados com pessoas que conheceram a Dra. Laura Amazonas. O referencial teórico-metodológico relaciona-se à História Cultural, sobretudo, com a categoria analítica de *representação* concebida por Chartier; o conceito de *capital* de Bourdieu e a noção de *civilização* de Norbert Elias. Nesta perspectiva, analisamos a trajetória pedagógica de uma sergipana que se dedicou não somente à formação de adeptos do espiritismo, mas, sobretudo, de cidadãos dignos, civilizados e úteis à sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Práticas pedagógicas, Laura Amazonas, educação espírita

## INTRODUÇÃO:

A leitura de textos que tratam da educação da mulher, em Sergipe, no início do século XX, levou-nos a refletir sobre as transformações pelas quais esta educação passou e o seu processo de desenvolvimento. Os aspectos da condição feminina em Sergipe discutidos pela pesquisadora Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas (2004), ao tratar da trajetória da Dra. Laura Amazonas foi fundamental para que nos decidíssemos a pesquisar sobre esta sergipana. Em um de seus artigos, Freitas (2004) analisa como a cirurgiã dentista Laura Amazonas conseguiu inserir-se profissionalmente no âmbito de uma sociedade predominantemente masculina. Foi a partir dessa fonte, especificamente, que novas formas de inserção e atuação da mulher na sociedade foram-nos reveladas. Naquele momento, o que nos chamava atenção, era a sua importância para a sociedade, principalmente na luta pela emancipação feminina, assim como pela tentativa constante de amenizar o sofrimento de tantas famílias carentes e oportunizar que crianças sem tantos recursos pudessem concluir seus estudos e galgarem caminhos melhores.

Neste trabalho, portanto, procuramos investigar a trajetória pedagógica da Dra. Laura Amazonas e as suas práticas educacionais como evangelizadora espírita. As principais fontes de pesquisa utilizadas foram as produções de Freitas (1995, 2002, 2003, 2004), Nunes (1984), o jornal a “*Gazeta de Sergipe*” e as entrevistas realizadas com ex-alunos e/ou pessoas que conheceram a Dra. Laura Amazonas. O referencial teórico-metodológico selecionado para essa pesquisa relaciona-se à História Cultural, por entendermos que é possível compreender as idéias e ações de um indivíduo, sobretudo, a partir das categorias analíticas, como a de *representação* estabelecida pelo historiador francês Roger Chartier. Desse modo, entenderemos *representação* a partir de como os indivíduos descrevem a realidade, da forma como pensam que ela é ou como gostariam que fosse, traduzindo seus interesses e posições pessoais (cf. CHARTIER, 1990).

Não menos importantes foram as contribuições dos sociólogos Bourdieu com o conceito de *capital* e de Norbert Elias com a noção de *civilização*. Para Pierre Bourdieu, as pessoas que se relacionam no âmbito acadêmico convivem com as tensões e, nesse sentido, o referido espaço torna-se um campo que pode ser marcado por disputas, não só motivadas pelo capital econômico, mas, sobretudo, pelo *capital cultural e social*. Essas categorias serão muito importantes para compreendermos como a Dra. Laura Amazonas apropriou-se dos referidos tipos de capitais no decorrer de sua trajetória.

Faz-se necessário também utilizarmos a concepção de *civilização*, compreendida a partir daquilo que Norbert Elias difundiu como sendo um processo que incide na mudança de *conduta* e até mesmos nos sentimentos humanos. Assim, quando Chartier interpretou a noção de processo civilizador entendeu que para Elias era a “arte de observar os outros e de observar a si próprio, a censura dos sentimentos, o domínio das paixões, a incorporação das disciplinas que regulam a civilidade” (CHARTIER, 1990, P. 100). Neste sentido, a Dra. Laura objetivava transformar, não só a concepção religiosa dos seus alunos na escola evangélica Lindolfo Campos, mas moldar e transformar as mentes e os corações daqueles que freqüentavam as suas aulas.

Assim, entendemos que seus alunos, colegas de trabalho, contribuintes das obras sociais e conhecidos, identificaram o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade foi lida e como, dentro desta realidade, a Dra. Laura Amazonas foi vista por eles. Desta forma, a compreensão do termo *representação* empregado neste trabalho, diz respeito ao

[...] trabalho de classificação e de recorte que produz as configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de estar no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais “representantes” (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpetuada existência do grupo, da comunidade ou classe (CHARTIER, 2002, p. 73).

O conceito de *representação* apresentado por Chartier (2002) configura-se como um conjunto de práticas que vão determinando, dentro de um ideal coletivo ou mesmo individual, as identidades sociais que resultam das relações de forças impostas por todos aqueles que podem classificar, nomear e imprimir modelos no campo social, político, cultural e educacional.

A trajetória pedagógica da cirurgiã-dentista foi analisada a partir de informações coletadas, não só por meio de revisão literária em estudos pertinentes ao tema desenvolvido, como também através de consultas ao jornal *Gazeta de Sergipe*. Além dessas fontes, ainda recorreremos às entrevistas e depoimentos de algumas pessoas que estiveram ligados à Dra. Laura, uma vez que “a recuperação da história de vida de algumas sergipanas que viveram e atuaram em Sergipe no início do século XX, em Sergipe, ainda é possível de ser recuperada através de depoimentos de seus contemporâneos, principalmente familiares, ou mesmo da memória que deixaram inscritas através de gerações nas instituições em que atuaram”.

(FREITAS, 1998, p.47). A História Oral, portanto, nos favoreceu uma aproximação entre o processo de constituição de lembranças e de esquecimentos advindos da memória dos informantes. (Cf. FREITAS, 1998).

## 1-TRAJETÓRIA PEDAGÓGICA

Ao tratar da estrutura do campo, a lógica de seu funcionamento e suas modificações, Pierre Bourdieu (2001) chama atenção para a diferença que percebe entre as “biografias comuns” e a trajetória. Assim, toma como referência o *habitus* de um literato para exemplificar o seu entendimento sobre *trajetória* ao dizer:

(...) a trajetória descreve a série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo escritor em estados sucessivos do campo literário, tendo ficado claro que é apenas na estrutura de um campo, isto é, repetindo, relacionalmente, que se define o sentido dessas posições sucessivas, publicação em tal ou qual revista, ou por tal ou qual editor, participação em tal ou qual grupo etc (BOURDIEU, 2001, 72-73).

Nesse sentido, entendemos que a trajetória de Laura Amazonas apresentada neste estudo está diretamente vinculada às práticas pedagógicas exercidas ao longo da sua vida em diferentes instituições e de modos diversos, faz-se necessário esclarecer que na concepção de Bourdieu, o trabalho pedagógico produz transformações nos indivíduos levando-os a formação de um *habitus*, ou seja, “de esquemas comuns de pensamento, de percepção, de apreciação e de ação” (BOURDIEU & PASSERON, 1982, P. 206).

Laura Amazonas nasceu em Aracaju, no dia 03 de maio de 1884, filha de Manoel Amazonas e Josefa da Silveira Amazonas. Segundo Freitas (2004), ela iniciou a vida escolar em Aracaju sob as orientações da madrinha e professora Rosa. Logo após a conclusão do primário foi morar em Santos (SP) e, posteriormente, a 08 de fevereiro de 1905, graduou-se em Odontologia na Escola de *Pharmácia* de São Paulo, sendo a única brasileira entre as mulheres da sua turma.

A obtenção do diploma superior significou vencer o primeiro obstáculo junto a sua família e à sociedade, pois, apesar do crescente número de escolas femininas ao longo das últimas décadas do Império, a concepção vigente era a de que as mulheres deveriam ser educadas e não instruídas, para que se tornassem boas esposas e mães exemplares.

Era comum nas primeiras décadas do século XX que as jovens que tivessem acesso à instrução encerrassem a trajetória escolar no final do primário, ou ainda, em casos mais raros, no curso de magistério. Poucos pais concebiam uma carreira de

profissional liberal para suas filhas. (...) O ideal da “moça prendada” ainda perdurava entre muitas famílias (FREITAS, 2004, p. 13).

Após a República, a sociedade brasileira passou por mudanças devido aos ideais republicanos que exigiam uma sociedade modernizada, a exemplo da europeia. Um dos princípios a serem respeitados era o de que a mulher, por ser responsável pelo espaço doméstico, precisava aprimorar as boas maneiras e os hábitos de higiene com vistas à educação e boa formação da família. O papel da mulher brasileira e, conseqüentemente, da mulher sergipana, no final do século XIX, era, portanto, totalmente voltado aos cuidados domésticos. Assim, via-se a educação não só como uma maneira de acesso à civilização e elevação dos padrões culturais, nem apenas como meio de distinção social (cf. COSTA, 2003), mas, principalmente, como um prolongamento da educação familiar, enquanto esperavam por um casamento.

Disciplinada pelos homens, a educação das mulheres continuou como um prolongamento da educação familiar e, enquanto estudavam, as jovens aguardavam o casamento – o que *realmente importava em suas vidas*. Deixaram de ser as procriadoras incultas para tornarem-se as futuras esposas educadas, conhecedoras das necessidades do marido e dos filhos, alicerces da moral e dos costumes, fiéis guardiãs do lar cristão e patriótico. Nesse ideário, para onde convergiam os mais variados interesses, uniram-se a sociedade e a Igreja Católica. Para as mulheres, romper com tais estruturas significava o degredo e a condenação social (ALMEIDA, 1998, p. 35).

Em Sergipe, foi, através da instrução, que algumas mulheres obtiveram êxito e destaque diante da sociedade. Algumas delas, inclusive, lutaram ativamente para que outras também pudessem seguir caminhos parecidos com os seus, dentre as quais destacamos: Ítala Silva de Oliveira, que se tornou a primeira médica de Sergipe; Quintina Diniz, professora da Escola Normal Rui Barbosa e a primeira deputada estadual de Sergipe; Maria Rita Soares, primeira Juíza Federal do Brasil e Laura Amazonas, a primeira sergipana a obter o diploma de nível superior.

Para Nunes, “Guiomar Calazans e Melo foi a primeira mulher sergipana a concluir o curso superior. Em 1912 formou-se em Odontologia na Faculdade de Medicina da Bahia, após ter cursado os Preparatórios no Atheneu Sergipense” (NUNES, 1984, p. 256). Porém, no diploma de “cirurgião dentista” obtido por Laura Amazonas consta que a mesma foi titulada em fevereiro de 1905. Assim, diferentemente de Nunes, ficamos convencidos de que foi a Dra. Laura Amazonas, e não Guiomar Calazans e Melo, a primeira sergipana a concluir o curso superior.

Ao concluir os seus estudos, como informa Freitas (2004), a Dra. Laura Amazonas retornou a Aracaju em 1910, como cirurgiã-dentista e exerceu esta profissão até o final da década de 1950. Seu consultório foi montado numa parte de sua residência situada à Rua Itabaiana, nº. 164, em Aracaju, como foi possível conferir em seu cartão de visita.



A sua residência ainda é muito lembrada pelos ex-alunos. Eles destacam o maravilhoso quintal com diversos tipos de flores, a exemplo dos antúrios, avencas, orquídeas, rosas e árvores frutíferas, como limoeiro, goiabeira, figueira, sapotizeiro, mangueiras, além de um parreiral. Nessa casa, Laura Amazonas morava com a irmã Maria Júlia Amazonas, conhecida como “Dona Santinha” e com Maria Domitila Santos, filha adotiva da cirurgiã-dentista.

Dra. Laura não se casou. Ela optou por fazer da humanidade a própria família, ao invés de ter a sua. Segundo alguns entrevistados, tornou-se a mãe espiritual de muita gente:

Uma mulher corajosa, extremamente dedicada às coisas que fazia. Qualquer coisa que ela assumia, só assumia com dedicação total. Coisas que, aparentemente, podiam não ter nenhum valor para as outras pessoas... Quando ela assumia, as pessoas passavam a admirar, porque a dedicação era tanta que as pessoas passavam a valorizar. (...) Uma pessoa extremamente sincera, decidida, rigorosa, mas de uma justiça impecável. Adorava cantar e passava uma boa parte das aulas de evangelização cantando com a gente (JESUS, 2008).

Laura Amazonas assumiu publicamente a condição de espírita numa época em que ser espírita significava ser perseguida, incompreendida e discriminada. Porém, mesmo sendo uma mulher convicta de sua crença, enfrentava o preconceito resultante de sua posição religiosa. Os adeptos do catolicismo não nutriam simpatia por seguidores do espiritismo, certamente, esse fato deve ter contribuído para que a obra de Laura Amazonas não tivesse a difusão merecida.

Provavelmente, o fato de ter dedicado a sua vida à difusão do espiritismo, nas primeiras décadas do século XX, período no qual esta religião ainda sofria muito preconceito, principalmente em Sergipe, que possuía uma sociedade conservadora e

profundamente marcada pelo catolicismo, pode ter ocasionado um certo “silenciamento” em torno de sua trajetória. (FREITAS, 2004, p. 14-15).

O *capital cultural* que detinha a cirurgiã dentista contribuiu certamente, para amealhar bens materiais, o que lhe dava certa tranquilidade financeira. Assim, usava seus bens para servir ao próximo, como nos informa Oliveira (2008): “o que ela possuía, o que ela acumulou era realmente em benefício das crianças que conviviam com ela. Ela era bastante generosa.”

Os relatos dão conta de que Laura Amazonas era uma pessoa muito discreta e de poucas palavras quando se referia a sua vida pessoal. Nenhum entrevistado soube informar acerca de fatos que se referissem a sua vida particular, no que diz respeito a acontecimentos da sua fase de criança ou de adolescente. De acordo com os entrevistados, para ela, o que importava não era a sua vida, mas os trabalhos a serviço do próximo. A vontade de ajudar era tamanha que, mesmo gostando de música e de tocar piano, segundo Menezes (2008), vendeu o seu para ajudar a uma família necessitada.

O fundamento (sic) da família dela, a gente não sabe por que ela não conversava sobre isso. Ela era uma pessoa que fazia tudo de bom, mas não gostava de propagar, por isso que eu acho que hoje quase ninguém escuta falar nela, nem propaga o que ela fez, porque ela não gostava de propagandas (SANTOS, 2008).

Em 27 de novembro de 1968, a sociedade sergipana perdeu aquela que, segundo Freitas (2004, p.8), foi uma “mulher que contribuiu, no início do século XX, em conjunto com outras sergipanas, para o estabelecimento de novas formas de inserção e atuação”. No atestado de óbito, foi registrada a *causa mortis*: “asfixia, bronquite sub-aguda. A morte de Laura, aos oitenta e quatro anos de idade – e não aos setenta e quatro, como informou a *Gazeta de Sergipe* –, foi noticiada pela imprensa sergipana:

Faleceu aos setenta e quatro anos de idade, nas primeiras horas do dia de ontem, D. Laura Amazonas, senhora de grande mérito e de uma das famílias mais inteligentes do nosso Estado. D. Laura, em vida, foi uma espírita convicta e como tal, a extinta havia se dedicado de corpo e alma a todos os movimentos filantrópicos havidos na capital sergipana. Foi Dona Laura quando em vida, dentista, e por longos anos operosamente usou a sua força em servir a todos que dela necessitavam e quando as forças lhe faltaram, ela doou o seu gabinete à Fundação Lívio Pereira, no Bairro Siqueira Campos. Além de outros trabalhos que soube fazer no campo filantrópico, Dona Laura Amazonas foi uma das fundadoras da Federação Espírita Sergipana e sempre soube incentivar os jovens e aos que necessitava com palavras que revelavam um grande conhecimento, com uma boa dosagem de humanismo (*Gazeta de Sergipe*, 1968, p. 8).

Pessoas das variadas camadas da sociedade sergipana a prestigiaram, comparecendo ao seu enterro, inclusive grande número de odontólogos. Segundo Menezes (2008), anos após a morte da odontóloga e benemerente, as pessoas ainda enviavam flores no dia de finados para a sua residência. Foi esse o modo que alguns de seus admiradores encontraram para continuar prestando-lhe homenagens, resultantes da *representação* criada pela Dra. Laura nos ambiente onde circulou.

## 2- INSTRUIR E EVANGELIZAR

Laura Amazonas realizava trabalhos de evangelização na Escola Evangélica Lindolfo Campos, situada à Rua Santa Luzia, 146, em Aracaju. Uma de suas propriedades, a escola funcionava numa casa singela, mas muito bem localizada, pois estava no centro da cidade. A instituição era mantida pela União Espírita Sergipana que, segundo Jesus (1997), representava a elite do pensamento espírita, de orientação às outras sociedades que se foram formando em Aracaju. O público principal eram as crianças carentes. Assim, evidencia-se um dos modos de como a Dra. Laura Amazonas fazia uso do seu *capital cultural*.

A Escola Evangélica era constituída principalmente por crianças carentes e, para essas crianças, além de dar instrução, orientação religiosa, proporcionava também a instrução educacional na formação do comportamento social, da ética, dos princípios morais e ainda se preocupava em oferecer alguma ajuda financeira para as suas famílias (SANTANA, 2008).

A professora, ao evangelizar, destacava-se também pela metodologia aplicada em suas aulas. Os ex-alunos da Escola Evangélica recordam, com muito carinho, a forma como a professora os educava, pois as aulas eram ministradas a partir de histórias, paródias, da utilização de gravuras e cartazes, além das brincadeiras e recreação. Segundo Jesus (2008), ela também explorava o livro de evangelização “Catecismo Espírita Cristão”, composto por perguntas e respostas adaptadas para as crianças de acordo com a sua faixa etária.

Tivemos acesso ao livro intitulado “Uma Linda História – Bíblia – Isaías - C. 7 – V. 14”, cuja capa amarelada pelo tempo possui, além desse título, um desenho em preto e branco de Maria e o Menino Jesus na Manjedoura e, na folha de rosto, encontra-se grafado “Oferta da Escola Evangélica ‘Lindolfo Campos’. Obra Assistencial da União Espírita Sergipana. Dezembro de 1966”. Segundo Freitas (2004), este pequeno livro utilizado na evangelização de crianças da doutrina espírita foi escrito por Laura Amazonas.



Há muitos anos, houve um profeta chamado Isaías, que predisse o aparecimento do Messias, como nascido de uma virgem. Muitos anos depois, morava em Nazareth, cidade da Galiléa, uma donzela muito pura chamada Maria, que estava noiva de um homem também muito puro, chamado José. (...) Na ausência de José, Maria adormeceu e quando acordou, viu ao seu lado um belo menino e compreendeu ser Ele, o anunciado pelo espírito de luz; ao chegar José, Maria apresentou-O e disse que se chamaria Jesus (Trechos do livro “Uma Linda História”, p. 1, 2 e 3).

Nas aulas de evangelização, a Dra. Laura aplicava, como castigo, os “sermões” para aqueles que não levassem prontas as atividades previstas para casa.

Nós tínhamos um livrinho que a gente chamava de Catecismo Espírita Cristão. Era o livro dos espíritos em forma de pergunta e resposta, completamente adaptado para crianças. Ela usava exatamente essa metodologia com a gente em forma de pergunta e resposta. Eu descobri depois, na área de educação, que é considerada a Pedagogia mais adequada para as pessoas aprenderem. Eu não sabia disso! Só quem utilizava aqui no Estado esse livrinho era ela. Ela dava os livros pra gente (sic), nós levávamos para casa. Todos os finais de semana, a gente tinha que aprender duas ou três perguntas. Se a criança fosse um pouco maior, quatro perguntas do livro. A gente tinha que saber o livro todo. O ano inteiro tinha que dar todas as lições. Se não soubesse a lição que ela mandou estudar em casa, ficava de castigo. Deixava o desobediente separado das outras crianças e chamava atenção: você precisa estudar! Dava aquele sermão. Então, de certa forma, para a criança peralta como eu, funcionava. Isso, para mim, funcionou muito, primeiro me ajudou muito na escola. Eu tinha uma facilidade enorme de ler quando chegava à escola regular, diferente dos meus colegas, porque eu estudava lá com ela. Então, enquanto os meus colegas não sabiam, por exemplo, sobre o sistema solar, com sete ou oito anos de idade, eu sabia inteiro de trás pra frente, porque quando a gente estudava como Deus criou o mundo a gente aprendia toda a estrutura do sistema solar nesse livro de catecismo e a valorizar a criação divina. Essas coisas eu aprendia lá na aula de evangelização com ela! (JESUS, 2008).

Nessas aulas, a professora Laura, ao fazer a junção dos temas mundanos com os temas da doutrina espírita, realizava, ao mesmo tempo, o trabalho de evangelização, disseminando conceitos espíritas e prescrevia orientações sobre a vida, conceito de cidadania e valores morais. Ela divulgava a prática do bem, honestidade, justiça, amor ao próximo e respeito a todos, independente de suas posses e origem social. Cabe destacar que fazia parte das suas realizações a possibilidade de oferecer alguma ajuda financeira para as famílias daqueles alunos que, porventura, estivessem precisando de algum auxílio, chegando até a financiar os estudos de alguns deles. Laura Amazonas custeava a mensalidade em escola particular, farda e livros, e em (alguns) casos de doenças, prestava auxílio, levando para médicos, financiando remédios e acompanhando de perto todo o tratamento.

Ela sempre contribuía quando essas famílias muito pobres estavam com dificuldades financeiras, problemas de saúde. Naquela oportunidade eu, por exemplo, fiz alguns tratamentos médicos. Eu era uma criança que tinha constantes problemas de saúde, mas ela fazia meu acompanhamento permanente. (...) Ela teve um cuidado imenso no meu tratamento, acompanhou de perto levando para médicos, fazendo exames, enfim tudo o que era necessário comigo e isso também [ela fazia] com outras crianças (SANTANA, 2008).

Laura Amazonas utilizou-se de dois flancos educacionais: um mais restrito, atuando na educação pessoal de algumas crianças, influenciando-as diretamente em relação ao encaminhamento à escola, hábitos domésticos e civilidade; e, um outro mais aberto, relacionado ao exemplo que transmitia a todos (MENEZES, 2008).

Eu era muito tímido e tinha muita vergonha de falar. Não conseguia falar duas palavras em público, recitar, por exemplo, um versinho... eu não recitava. Aí, ela percebeu essa minha dificuldade e começou a me ajudar. E me levava pra casa dela inclusive ficava do outro lado da rua, na Rua de Itabaianinha, era só pegar a Rua de Santa Luzia, onde ficava a União, andava uma esquina e meia e já estava na casa dela. Ela me levava pra casa dela para me ensinar poesias, para dizer como era que declamava, para decorar as poesias, para dizer que eu tinha condição de conseguir. Ela também me dava outras orientações de vida, de cidadania, de como ser um cidadão, como ser um homem de bem. Não apenas comigo ela fazia isso, mas ela dava uma atenção maior àquelas crianças que ela via que tinha alguma preocupação, algum interesse maior pelo que estava ouvindo. Ela educava a todos, mas se dedicava mais àqueles que demonstravam certo interesse. Então o que ela fez comigo, ela fez com outras crianças, mas particularmente comigo, eu tenho um agradecimento muito grande por isso que ela fez... Ela me ensinava, por exemplo, por que escovar os dentes, ela dava uma série de orientações extra-religiosa, ensinava muitas outras coisas. Ela realmente tinha assim uma inclinação para a educação (JESUS, 2008).

A Dra. Laura Amazonas era prática e assumia uma postura disciplinadora. Não aceitava os atrasos dos alunos e ensinava como se sentar corretamente; utilizar o vaso sanitário; portar-se à mesa durante as refeições. Além dos cuidados com a higiene, ela também orientava as crianças, não apenas no campo da higiene individual, mas também no âmbito da formação moral e ética, prescrevendo valores, posturas e atitudes. Os ensinamentos transmitidos às crianças eram disseminados no sentido de prepará-los no campo da formação educacional e no âmbito da valorização humana, acreditando serem esses os fundamentos básicos da vida.

Vi a Dra. Laura Amazonas como educadora espontânea. Ela tinha realmente uma condição pedagógica, uma formação pedagógica excepcional. Ela transferia esses conhecimentos nos contatos pessoais, não em classe; em classe, ela só fazia isso na escola evangélica que funcionava aos domingos, das oito às dez horas. Ela era disciplinadora. Por exemplo: a aula começava pontualmente às oito horas, e às oito horas a porta era fechada. Se uma criança atrasasse e batesse na porta, ela não abria mais. Então a criança aprendia desde cedo na escola, por exemplo, a ser pontual. Aprendia lá também a se sentar, a postura correta de sentar-se à mesa, não colocar o pé na trave que sustentava as pernas das cadeiras, a utilizar o vaso sanitário em casa antes de sair ao invés de utilizar na rua, porque ela dizia que há sempre um perigo de uma contaminação (...). Quando eu fazia as refeições em sua casa, ela também me ensinava como me portar à mesa (SANTANA, 2008).

Os ex-alunos ressaltam a importância fundamental da Dra. Laura em suas vidas, devido à base educacional e moral obtida através dos seus ensinamentos e mantidos no caráter de cada um deles. Até hoje, alguns transmitem para os seus filhos ensinamentos aprendidos com ela enquanto criança. A gratidão por ela é tamanha, que um dos entrevistados se inspirou no nome dela para homenageá-la: “Eu tenho um filho, o meu terceiro filho chama-se Lauro, em homenagem a Laura Amazonas, por ela ter tido uma importância na minha vida muito grande, na vida da minha família e não foi só na minha vida não...” (JESUS, 2008).

Ela me ajudou nos estudos até o dia que eu quis. Ela me ajudou sim! E hoje, ela ainda me ajuda, porque eu estudei graças a ela, ao exemplo dela (...). Depois eu me formei em Pedagogia e fui Orientadora Pedagógica do Estado. Ela foi um incentivo maior, não que meus pais não me incentivassem, mas ela foi desde pequena o meu incentivo. Eu com ela e vendo tudo o que ela fazia para os outros e tudo. Ela tem muita influência na minha vida, ela foi minha segunda mãe. Eu tenho muita admiração por ela e tudo o que ela queria e dizia pra mim eu fazia (SANTOS, 2008).

### **3 – AÇÕES FILANTRÓPICAS E EDUCAÇÃO**

O estudo da trajetória pedagógica da Dra. Laura Amazonas evidencia, além dos trabalhos educativos e filantrópicos, a sua participação em associações feministas. Ela participou, junto com outras sergipanas, da implantação do diretório da União Universitária Feminina (UUF). Segundo Portinho (apud FREITAS, 2004, p.12), o objetivo da UUF era contribuir com o aumento do número das jovens estudantes no ensino superior e a sua entrada no mercado de trabalho, além de estimular o desenvolvimento da intelectualidade feminina brasileira.

Como estava envolvida, desde 1930, com a fundação da União Espírita Sergipana, ela também, participou, em novembro de 1950, da fundação da Federação Espírita do Estado de Sergipe, sendo desde então, a única mulher a assumir a presidência da mesma.

Compartilhou também das atividades desenvolvidas pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF). Como no início do século XX, a maioria das moças que conseguiam chegar a uma escola encerrava os seus estudos no final do curso primário, ou (raramente) no magistério, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino lutava pela “evolução” social da mulher através do ingresso nas faculdades e pelo direito de desenvolver carreiras liberais. Acreditavam que a titulação seria um grande passo para a emancipação feminina.

Devido à preocupação em fazer o bem ao próximo, a Dra. Laura foi responsável, ou até mesmo, colaboradora eficaz de muitas instituições espíritas em Aracaju, tais como: Casa da Fraternidade, Centro Espírita Amor e Caridade, Grupo Espírita Irmãos Fêgo, a escola Lívio Pereira, Casa do Pequenino, Lar Meimei, e União Espírita Sergipana. Além disso, ainda participou da fundação do Centro Espírita Luz e Amor.

Quanto às Instituições, ela ajudava muitas delas. (...) falei do Luz e Amor onde ela distribuía enxovais. Eu acho que na cidade quase toda, aqui em Aracaju, na cidade inteira, onde tinha áreas pobres, ela ia e levava, com algumas pessoas, que ajudavam-na (sic), eram evidentemente, alguns empresários, outras pessoas das Instituições Espíritas e da União Espírita Sergipana. Mas, [Laura Amazonas] era uma pessoa com recursos, então praticamente quem mantinha a Instituição era ela. Se ninguém a ajudasse, ela mantinha todas as atividades regularmente do bolso dela. Sempre foi assim. Ela recebia muita doação, mas ela tinha muito trabalho assistencial bancado por ela mesma. Ela ajudava muitas Instituições e muitas pessoas. Ela sempre deu preferência em ajudar Instituições Infantis (JESUS, 2008).

Laura Amazonas não só contava com o capital *econômico*, mas também com o capital *social*, pois, por meio das relações de sociabilidade que compartilhava, conseguia apoio para as suas obras de benemerência. Segundo os depoimentos e entrevistas, somando os próprios recursos com a participação de empresários do comércio sergipano, ela doava, na época natalina, às famílias carentes toalhas, roupas de cama, vestuários para adultos e crianças, brinquedos e sapatos. Segundo Santana (2008), a Dra. Laura dizia que poderia dar ela mesma tudo isso, mas achava que era importante que as pessoas participassem dessa obra, para que, no futuro, pudessem apresentar, diante de Deus, esse gesto de generosidade para com os mais pobres.

Acho que era muito difícil alguém na posição social e profissional dela se decidir a procurar empresários na época para solicitar brinquedos para crianças nas festas de natal, dia das mães, dia dos pais. E o impressionante é que ela não apenas solicitava, mas quando ela deixava de solicitar, alguns empresários ligavam pra ela dizendo: “Você não vem mais pegar brinquedo aqui, por quê?” Porque eles tinham assim, uma confiança enorme no trabalho que ela fazia e em qualquer coisa que ela fizesse, porque ela fazia sempre com seriedade (JESUS, 2008).

Santana (2008) complementa ainda que, durante vinte e nove anos, na época do natal, a Dra. Laura bateu à porta de uma firma – cujo nome preferiu omitir –, solicitando doações para os pobres. Porém, era-lhe negado devido ao fato de ser espírita e de os proprietários da firma serem católicos. Mas, no trigésimo ano, eles renderam-se aos seus pedidos e a sua perseverança. Dra. Laura agradeceu-lhes, informando que não importava o fato de seu pedido ter sido negado por vinte e nove anos. Ela lhes daria a oportunidade de fazer o bem e, por isso, pediria até quando fosse necessário.

As ações de benemerência de Dra. Laura não ficaram vinculadas, apenas, às instituições onde colaborou. Foi-nos relatado por Santana (2008) que, quando ela aposentou-se, doou o seu consultório dentário para a escola Lívio Pereira, onde ia prestar assistência odontológica às crianças daquela instituição.

Recordo-me inclusive que ela doou seu gabinete dentário assim que se aposentou para a Escola Lívio Pereira do grupo Espírita Amor e Luz, aonde toda semana, sempre às segundas-feiras ela ia, na parte da tarde, prestar assistência odontológica às crianças pobres que estudavam naquela Instituição. Tive o prazer e o privilégio de acompanhá-la em algumas oportunidades (SANTANA, 2008).

Além de desenvolver trabalhos filantrópicos na área espírita, Dra. Laura participou da fundação da Cruz Vermelha, em novembro de 1929, e da fundação da nova sede do Asilo Rio Branco, que funciona até hoje, como colaboradora financeira e assistencial.

Segundo Santana (2008), Laura Amazonas trabalhou com um grupo de voluntários na penitenciária fazendo visitas periódicas, onde levava a palavra do evangelho e procurava prestar assistência odontológica aos detentos, além de doar mantimentos, tudo com o intuito de amenizar o sofrimento destes. De acordo com Santos (2008), a Dra. Laura também fazia visitas periódicas ao antigo leprosário que ficava onde hoje se encontra o conjunto Maria do Carmo, no Parque São José.

Eu acompanhei a Dra. Laura nessas visitas. Lá no leprosário, ela ia transmitir alegria para os internos. A gente recitava poesias, cantava os hinos que tinham, levava balas, biscoitos. No dia que a gente ia era uma festa. Era um dia diferente, eles iam para um galpão grande para ouvir as nossas poesias, músicas e as palestras (SANTOS, 2008).

A Dra. Laura também doou o terreno para a construção da Casa do Pequenino e participou ativamente para angariar fundos para a edificação desta creche. Junto com a Senhora Neide Mesquita, ex-dirigente da Casa do Pequenino, atuou para a apresentação da peça “Tapete Mágico”. A renda arrecadada seria destinada à Casa do Pequenino. A participação da Dra. Laura foi conscientizar a sociedade sergipana para prestigiar o espetáculo e convencer aos pais dos integrantes da peça a permitirem que seus filhos se apresentassem. O seu prestígio era tamanho que um pedido seu jamais seria negado por nenhum deles.

Dona Neide Mesquita, com o apoio dela e de outras senhoras, fizeram um teatro (sic) “O Tapete Mágico”. Eu fui artista do Tapete Mágico e pra eu sair neste Tapete Mágico, foi com a intervenção dela junto ao meu pai. O Tapete Mágico se apresentou em 1951, no Cine Teatro Rio Branco em quatro apresentações, todas de casa lotada. Dra Laura tentava conscientizar as famílias para permitir que as filhas participassem em face da finalidade da peça (OLIVEIRA, 2008).

Além da peça, foram arrecadados fundos, através de quermesses realizadas na Praça Olímpio Campos. Nesses eventos, a Dra. Laura era recebida sempre com muito entusiasmo, inclusive sendo aplaudida pelos que lá estavam. Apesar de ter dedicado toda a sua vida para amenizar o sofrimento do próximo, não aceitava qualquer tipo de louvor para com as suas ações de caridade.

Segundo Oliveira (2008), Laura Amazonas nutria um sonho de fundar, em Aracaju, uma escola espírita. Morreu sem o realizar completamente. De acordo com Mesquita (2008), o objetivo da Casa do Pequenino era o de acolher as crianças cujas mães fossem obrigadas a trabalhar fora de casa. Assim, é possível perceber que a Dra. Laura Amazonas buscou aliar elementos do capital cultural que detinha ao capital econômico – por meio das doações que realizou e, por fim, o capital social representado na rede de sociabilidade da qual recebia o auxílio material dos que lhes prestigiavam.

#### **4 – REPRESENTAÇÕES DA DRA. LAURA AMAZONAS**

Os estudos que realizamos levaram-nos a conhecer seis pessoas que estiveram com a Dra. Laura Amazonas. Esses contatos se deram de formas variadas: quatro foram alunos, Neide Mesquita foi colega de trabalho e Edmilson Menezes foi vizinho e, desde a infância, tinha com a filha adotiva de Dra. Laura, Maria Domitila, contato próximo. Cada uma dessas pessoas delineou, por meio dos depoimentos e entrevistas, as representações que fazem da Dra. Laura Amazonas.

Conforme o jornalista João Batista de Santana (2008), a Dra. Laura Amazonas iluminou muitas consciências e a todos ensinou que Deus é único, e que a maior e a mais importante das religiões é amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

Gostaria de expressar a minha mais profunda gratidão a essa expressão de bondade que Deus colocou na minha vida. Eu entendo que ela foi assim como um anjo bom que Deus colocou ao meu lado para se somar a minha mãe a fim de me conduzirem num roteiro seguro pelos caminhos da honra, da dignidade e do amor ao próximo. Então eu agradeço muito a Deus por tê-la conhecido em minha vida e até lamento não ter aproveitado o suficiente, não ter seguido as suas orientações o tempo inteiro, (...) eu acho hoje que deveria ter perseverado mais ao seu lado, de qualquer sorte o que eu sou devo grande parte a ela (SANTANA, 2008).

Para o professor Jairo de Jesus (2008), ainda não se mensurou exatamente a importância da atuação da Dra. Laura Amazonas para Aracaju. Relata que, devido ao seu apoio, muitas crianças foram salvas da marginalidade, pois esta dava a elas ocupação do

tempo e orientações morais através das suas aulas de evangelização. Foi uma pessoa que teve uma importância muito grande na sociedade sergipana.

Eu não encontro muitas palavras para defini-la, porque eu acho que a coisa mais importante em um relacionamento são os sentimentos que ficam. Então, eu tenho um sentimento muito terno, grato, de uma pessoa que fez parte da minha vida, porque eu acho que as coisas que acontecem com a gente não é um negócio que passa... (sic) então eu nunca vejo ela (sic) como uma pessoa que passou pela minha vida. Vejo-a como uma pessoa que faz parte ainda hoje da minha vida, porque muito do que eu sou, ou seja, da minha formação eu devo a ela. Ela foi decisiva na minha vida, na minha formação, na minha orientação (JESUS, 2008).

De acordo com o professor Edmilson Menezes (2008), que foi educado num ambiente marcado pela presença física e intelectual da doutora, ela foi uma “mulher desbravadora, muito refinada, preparada intelectualmente e com alto senso de solidariedade. Representou o pioneirismo da mulher que assume por um lado as investidas intelectuais e, por outro, a liderança social”.

Segundo Maurilourdes Oliveira (2008), Laura Amazonas “foi um espírito de luz, dona de uma grande beleza espiritual, e uma pessoa determinada na difusão da doutrina espírita. Deixou para a posteridade um exemplo de mulher dinâmica, conseguiu sair para estudar fora em uma época em que não era fácil para uma moça conseguir isto. Mulher muito especial e reconhecida por todos como tal”.

Para a pedagoga Maria Augusta Santos (2008), Dona Laura foi um ser humano muito corajoso, trabalhadora, desprendida e que usou todos os seus bens para ajudar as pessoas carentes.

Foi uma pessoa que fez muito bem ao próximo. Dona Laura foi muito importante para Aracaju, porque foi uma pessoa que nunca pensou nela própria, mas sempre nos outros. E hoje você não vê isso, é tudo para mim, para mim, para mim, e ela não; era para os outros, para os outros, para os outros. A admiração que ela tinha pelo ser humano é inesquecível, tanto que ela doou tudo o que possuía para que as Instituições Espíritas pudessem continuar o trabalho de caridade (Santos, 2008).

Assim, é possível perceber que a Dra. Laura Amazonas, no exercício da “missão” de educadora, ou por meio de ações de benemerência, foi construindo lentamente a imagem que imprimiu ao longo da sua existência de defensora dos valores cultivados pelos seguidores do espiritismo. O respeito aos valores morais que procurou expressar sempre, tanto por meio das aulas que ministrou quanto pelos exemplos de dignidade, generosidade e desprendimento dos valores materiais marcaram significativamente aqueles que dela se aproximaram.

## 5 - CONCLUSÃO

As nossas pesquisas nos levaram a detectar aspectos que consideramos fundamentais acerca da trajetória da Dra. Laura. Ela foi a primeira sergipana a ter diploma de nível superior e foi a primeira cirurgiã-dentista sergipana. O seu trabalho de evangelização, em uma sociedade predominantemente católica, superou as barreiras do preconceito religioso para difundir o espiritismo em Sergipe. Acrescente-se a isso, o fato de ter conseguido, por meio do *capital cultural e social* que detinha, sensibilizar parte do empresariado sergipano da sua época a fazerem doações constantes para manter as obras de benemerência que ela fundava ou das quais fazia parte.

Após as entrevistas podemos constatar quão grande foi a importância dos trabalhos educacionais desenvolvidos por Laura Amazonas na vida de tantas crianças carentes, por ter dado a elas a oportunidade de sonharem com um futuro melhor devido ao apoio financeiro e educacional em suas vidas e, acima de tudo, pelo exemplo de mulher batalhadora que deixou incutido na memória das pessoas que com ela conviveram.

Por acreditarmos ser possível recuperar aspectos da sua trajetória pedagógica, tentamos contribuir para que a sociedade conheça sobre as atividades desenvolvidas por Laura Amazonas como educadora, pois em suas práticas educativas ela atravessou a concepção formal de educação e enxergou que poderia educar em espaços não reconhecidos como tal. Faz-se necessário valorizar sua atuação nessa sociedade como educadora, pois foi defensora de uma concepção de educação ampla e, nesse sentido, foi capaz de estabelecer novas formas de inserção e atuação feminina em uma sociedade preconceituosa. Ela dedicou toda a sua vida em benefício do próximo por meio de ações de benemerência e, sobretudo, como uma educadora que entendia ser possível promover a aprendizagem e formar seres humanos dignos, competentes e úteis.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação: a Paixão pelo Possível**, São Paulo: UNESP, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

\_\_\_\_\_. PASSERON, Jean-Claude. “A função ideológica do ensino”. In: **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Trad. De Reynaldo Bairão. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1982.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Bertrand; Rio de Janeiro: Difel, 1990.

COSTA, Rosemeire Marcedo. **Fé, Civilidade e Ilustração: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1970)**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2003. (Dissertação de mestrado).

DIAS, Antônio Alves. **Laura Amazonas**. Aracaju, 2006 (Texto digitado).

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

FALECIMENTO de D. Laura Amazonas. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 28 nov.1968. Ano XIII, nº 3.720, p. 08.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de Azul e Branco: um estudo sobre representações de ex-normalistas acerca da formação profissional e do ingresso do magistério (1920-1950)**. Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, 1995. (Dissertação de Mestrado).

\_\_\_\_\_. **Educação, Trabalho e Ação Política: sergipanas no início do século XX**. Campinas/SP: Unicamp, 2003 (Tese de doutorado).

\_\_\_\_\_. Pesquisando a educação feminina em Sergipe na passagem do século XIX para o século XX. *Revista do Mestrado em Educação*, São Cristóvão, SE, Vol. 1, p. 45 – 65, 1998.

\_\_\_\_\_. **Vestígios da Dra. Laura Amazonas: aspectos da condição feminina em Sergipe**. Cadernos UFS: História da Educação, São Cristóvão, SE, Vol. VI – Fascículo I, p.07-18, 2004.

JESUS, Antônio Monteiro de. **Memórias**: excertos do movimento espírita pioneiro em Sergipe. Aracaju: Triunfo, 1997.

NUNES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Sergipe; Universidade Federal de Sergipe, 1984.

VALENÇA, Cristina Almeida de. **Escola Normal**: a Aurora no Império (1871-1901). Cadernos UFS: História da Educação, São Cristóvão, SE, Vol. VI – Fascículo I, p.69 - 85, 2004.

## **ENTREVISTAS**

JESUS, J. de. 15/04/2008. São Cristóvão. Entrevista concedida às autoras.

MENEZES, E. 01/05/2008. Aracaju. Entrevista concedida às autoras.

MESQUITA, N. F. de A. 29/04/2008. Aracaju. Entrevista concedida às autoras.

OLIVEIRA, M. R. 30/04/2008. Aracaju. Entrevista concedida às autoras.

SANTANA, J. B. 10/04/2008. Itabaiana. Entrevista concedida às autoras.

SANTOS, M. A. de M. 05/05/2008. Aracaju. Entrevista concedida às autoras.